

Editora CDA

Número de páginas: 41

Edição: 1 (2015)

Formato: A5 148x210

Coloração: Preto e branco

Acabamento: Brochura c/ orelha

Tipo de papel: Offset 75g

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou integral sem a prévia autorização do autor.

FICHA CATALOGRÁFICA E BIBLIOGRÁFICA:

DONATO, Claudio. **A *Alétheia* primordial e suas modalidades.** Primeira edição. São Paulo: Editora CDA, 2015.

Claudio Donato

A *Alétheia* primordial e suas modalidades



Claudio Donato é filósofo, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estudioso de metafísica, ontologia e fenomenologia.

Sobre e sob o fio da tradição filosófica fenomenológica: *Claudio Donato* foi aluno de *Luiz Hebeche*, que foi aluno de *Ernildo Stein*, que foi aluno de *Martin Heidegger*.

A *Alétheia* primordial e suas modalidades

Introdução

Das Fragen baut an einem Weg. Darum ist es ratsam, vor allem auf den Weg zu achten und nicht an einzelnen Sätzen und Titeln hängenzubleiben. Der Weg ist ein Weg des Denkens. Alle Denkwege führen, mehr oder weniger vernehmbar, auf eine ungewöhnliche Weise durch die Sprache.
(HEIDEGGER, 2007a, p. 5) ¹

Este pequeno ensaio pretende apenas, de modo provisório, esboçar o conceito de *Alétheia* e seus modos em alguns textos de Heidegger, especialmente no relatório *Natorp-Bericht*² e em *Ser e Tempo*.

¹ Tradução de Marco Aurélio Werle (Scientiæ Studia, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007): “O questionar constrói num caminho. Por isso é aconselhável, sobretudo, atentar para o caminho e não permanecer preso a proposições e títulos particulares. O caminho é um caminho de pensamento. Todos os caminhos de pensamento, mais ou menos perceptíveis, passam de modo incomum pela linguagem”.

² HEIDEGGER, Martin. Supplements: from the Earliest Essays to *Being and Time* and Beyond. Editado por JOHN VAN BUREN. Chapter Nine (Tradução de John van Buren):

O tema da verdade (*Alétheia*), que perpassa toda a obra de Heidegger – já que o filósofo pensa em termos de sentido e verdade do ser – não será exaustiva nem profundamente tratado aqui, uma vez que este trabalho consiste apenas num sobrevôo panorâmico sobre este tema.

Alétheia significa verdade como desvelamento, desocultamento. Heidegger parte dessa noção grega de uma verdade originária, como pressuposto de toda noção secundária de verdade: seja em sentido *lógico* ou *epistemológico*. A verdade como *Alétheia*, no entanto, tem um sentido *ontológico*: pois é a partir do próprio ente que se doa a uma intencionalidade, ou que apela por uma intencionalidade, que o ente se revela como verdadeiro.

Por uma questão didática, para diferenciar a *Alétheia* em seu sentido ontológico e a *alétheia* em sentido derivado (lógico-epistemológico), usarei as letras “a” iniciais em maiúsculo e minúsculo, respectivamente. Não serão mencionados todos os tipos de *alétheia* indicados

Phenomenological interpretations in connection with Aristotle: An Indication of the Hermeneutical Situation (Natorp-Bericht, 1922). New York: State University of New York Press, 2002, pp. 111-145.

por Heidegger, para que nos mantenhamos nas modalidades principais da Verdade.

1. A indicação da situação hermeneuto-fenomenológica e a *Alétheia*

Heidegger faz no *Natorp-Bericht*, mais do que uma interpretação, mas uma apropriação hermenêutica de Aristóteles. Esta apropriação foi feita nos próprios termos de Heidegger, ou seja, a partir de sua fenomenologia. Talvez Heidegger tenha pensado os conceitos aristotélicos como um tipo de pré-fenomenologia.

No momento em que Heidegger escreveu este texto – no início de sua carreira filosófica – ele pensava o mundo da vida (*Lebenswelt*) não mais no sentido tradicional, como um conjunto de vivências; mas o mundo da vida era entendido como a *totalidade* de um mundo fático de uma vida fática. Esta noção de facticidade, herdada de seu contato com os escritos do cristianismo primitivo, confrontaria com os termos clássicos da filosofia neo-kantiana, com seus conceitos universais rígidos.

O projeto do jovem professor de Friburgo chamava-se "hermenêutica da faticidade". Empregando a "arma metodológica secreta" dos indícios formais, ele visava a resgatar a vida fática do seu encobrimento pela ontologia e teologia ocidentais. Ou seja, de um lado, pretendia resgatar o caráter fático do cristianismo primitivo expresso nas epístolas paulinas do seu encobrimento conceitual pela teologia e, por outro, tentava também retomar o mundo da vida presente na ética aristotélica constantemente encoberta pela ontologia da essência. Desse modo, o projeto inicial tentava apanhar componentes da vida fática ainda não objetivados pela teoria. Esses componentes fáticos teriam de ser recuperados, ou melhor, acessados, a ponto de adquirirem um novo estatuto ontológico. (HEBECHE, 2005. p. 360).

É, portanto, retornando ao começo do que Heidegger entendeu como a melhor explicação da vida prática, a *Ética a Nicômaco*, que o pensador da Floresta Negra engendrou isso que são as "interpretações fenomenológicas em conexão com Aristóteles". A partir de uma concepção fática da vida (ou da vida fática), Heidegger se apodera dos conceitos de *Alétheia*, em seu sentido originário e

em suas modalidades, para explicitá-los fenomenologicamente, a partir de uma situação ou posição hermenêutica inicial. Apropriados e reinterpretados à luz da fenomenologia hermenêutica (ou hermenêutica fenomenológica) os conceitos aristotélicos são repensados a ponto de se desvelarem de sua dureza ontológica (essencializante e essencializada pela tradição) e se revelarem a partir deste “novo estatuto ontológico”: onto-fenomenológico.

O afastamento de Heidegger em relação à metafísica tradicional é, didática e metodologicamente, iniciado a partir de uma situação ou posição hermenêutica inicial. Esta posição inicial é o ponto de partida como método fenomenológico, cujas etapas podemos enumerar na seguinte simplificação (a interpretação envolve três pontos fundamentais): 1) uma posição inicial de visada; 2) uma direção de olhar e 3) um escopo, campo e amplitude do olhar (desde “onde” se olha). (HEIDEGGER, 2002, p.112).

Na situação hermenêutica, os elementos prévios de compreensão, interpretação e aplicação se articulam com os três momentos fundamentais da redução fenomenológica para, mostrar, explicitar como o “como” se manifesta no mundo da vida. Esse “como”, no entanto, não é mera descrição ou simplesmente o como apofântico, mas é, antes, o *como* em seu ser-interpretado: